DIALÉTICA TRINITÁRIA
VERSUS
HIPERDIALÉTICA QÜINQÜITÁRIA

Luiz Sergio Coelho de Sampaio

Rio, junho de 1995

Incluído como ensaio de número 2 na coletânea ***Seis ensaios a partir da lógica ressuscitada***, Rio de Janeiro, 1998

* Negritos do autor

Para que possamos alcançar uma justa avaliação da especificidade, complexidade e relevância da **lógica hiper-dialética qüinqüitária** ($I/D/^2$) ([1]) nada haveria de mais apropriado do que aprofundarmo-nos na sua comparação com a **dialética trinitária** já de longa tradição histórico-filosófica. A dialética trinitária, sabemos bem, remonta aos gregos – a Heráclito e Platão, no primeiro, como modo de visar a ***physis***, no segundo, como modo de visar a **idéia** ou o **conceito** – e que foi retomada na modernidade com Hegel e Marx como modo de visar a **História**.

A fim de tornar tal confronto mais efetivo, seria interessante que buscássemos equalizar as duas estruturas lógicas, o que pode ser feito considerando não apenas um, mas dois ciclos sucessivos do processo lógico-dialético. Nesta configuração, destacamos um primeiro ciclo no qual partimos de uma posição identitária (I) – o momento da **tese** – suscetível de gestar sua própria negação que, amadurecida, irá constituir uma segunda posição (D) – o momento diferencial da **antítese**. A tensão entre tese e antítese vai provocar a emergência de uma terceira posição, ou seja, de um momento da **síntese** (I/D), que é , concomitantemente, negação e afirmação, supressão e conservação das duas posições anteriores. Um novo ciclo dialético emergiria pela automática reconversão da síntese (I/D) numa nova tese I, que, por seu turno, traz já em seu bojo os germes de sua própria negação (D), sendo estas, a seguir, subsumidas em uma nova síntese dialética (I/D), e assim sucessivamente, conforme ilustra a figura 2.a.

Dialética trinitária

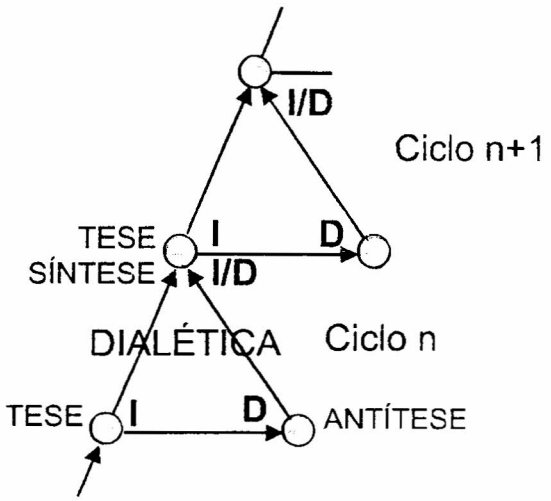


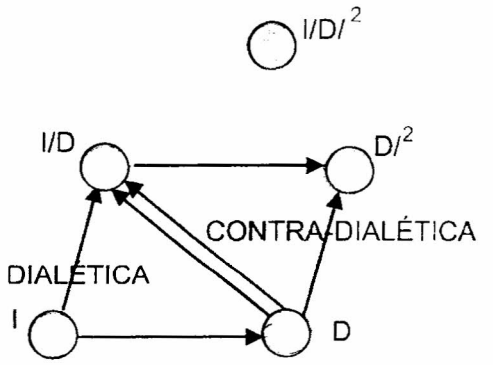
Figura 2.a

É fácil notar que a consideração conjunta de dois ciclos dialéticos trinitários sucessivos revela uma estrutura de exatas cinco posições ou momentos distintos na medida em que a posição extrema de um, $(I/D)_n$, confunde-se com a posição inicial do outro, I_{n+1}. É justamente esta estrutura formal de **cinco** posições, revelada na sucessão dos ciclos dialéticos trinitários, que permitirá a adequada comparação desta com a hiper-dialética já própria e essencialmente **qüinqüitária**. Devemos ter em conta que, segundo os próprios adeptos da dialética, a repetição do ciclo trinitário não representa de modo algum uma recorrência, um eterno retorno do mesmo. Muito pelo contrário, a reiteração do ciclo dialético é de natureza meramente formal, deixando perfeitamente garantida a abertura e a criatividade do processo real por ela governado.

Focalizemo-nos agora o processo hiper-dialético propriamente qüinqüitário $(I/D/^2)$. Observamos, de pronto, que a primeira parte deste processo coincide exatamente com o ciclo dialético trinitário: temos aí o momento identitário (I), a sua negação. constituindo o segundo momento de natureza diferencial (D), e, por fim, uma segunda negação operando sobre a oposição I *versus* D, que

empurra o processo para um terceiro momento sintético (I/D), tal como ilustrado pela figura 2.b.

Hiper-dialética qüinqüitária



Dialética (do simbólico) *versus*
contra-dialética (da gramática)

Figura 2.b

A partir daí, entrementes, começam as divergências. Ao invés da simples repetição deste primeiro ciclo dialético, vemos emergir, na hiper-dialética qüinqüitária, um novo e peculiar momento: o da dupla diferença ou da lógica clássica ($D/^2$). De fato, a lógica clássica possui uma característica distintiva relativamente à lógica da diferença que é, fundamentalmente, a sua submissão ao princípio do terço excluído. Mas não é só: a lógica da dupla diferença não pode ser gerada a partir de uma mera composição formal (de que é exemplo, o produto cartesiano) a partir da lógica da diferença. É por isto que lhe demos a representação $D/D = D/^2$, similar àquela dada à lógica dialética (I/D), querendo assim indicar que $D/^2$ é uma composição irredutivelmente sintética não só da lógica da simples diferença (D), mas igualmente da lógica dialética (I/D). Precisemos isto um pouco mais. Tal como representado na figura 2.b, a lógica clássica ($D/^2$) resulta de um processo sintético cujo primeiro momento é a antítese anterior, agora por nós denominada **contra-tese** (D), e cujo segundo momento é a síntese dialética anterior, que ganha a denominação de **contra-antítese** (I/D). A síntese dos momentos D e I/D leva-nos ao

momento derradeiro deste ciclo, vale dizer, à lógica clássica ($D/^2$)(^{2}), que vamos doravante denominar **contra-síntese dialética**.

A lógica clássica ou da dupla diferença ($D/^2$) é de fato herdeira tanto da lógica da diferença (D), quanto da lógica dialética (I/D). Da primeira, ela herda, naturalmente, o caráter diferencial ou analítico; da segunda, então, é que pode-lhe advir o caráter "totalizante"/ "totalitário", ainda que o incorpore de modo apenas **convencional** (vamos todos fazer de conta , ou, o que conta mesmo é o espetáculo). Eis aí exposto o sentido profundo do **princípio do terço excluído** e, por conseqüência, o segredo da "potência" do pensamento científico moderno. Em suma, a lógica clássica ($D/^2$) não pode ser confundida nem reduzida à lógica da diferença (D). A drástica implicação disto é que não se pode, sem pagar o preço de um evidente empobrecimento lógico-estrutural, reduzir este segundo ciclo contra-dialético a uma simples reiteração do ciclo dialético inicial. A "gênese" ora explicitada da razão formal ($D/^2$) a partir da **síntese dialética generalizada** (/) da lógica diferencial (D) com a lógica dialética (I/D) – precisamente nesta ordem: (D)/(I/D) – reflete o caráter essencialmente não comutativo da operação / . A precedência da dialética em relação à lógica formal é formalmente necessária e historicamente já comprovada na sucessão Platão-Aristóteles' reiterada na sucessão da cultura cristã trinitária patrística (I/D) pelo interregno escolástico e, a seguir, definitivamente, pela cultura científica moderna ($D/^2$). Como pode a razão formal ou científica anunciar o fim da História, tal é a moda hoje, sem estar proclamando, concomitantemente, o fim do seu próprio reinado?!

Podemos trazer ainda à baila um novo e poderoso argumento que impede a redução da hiper-dialética qüinqüitária a uma dialética trinitária reiterada. Este argumento, entretanto, necessita da prévia postulação da tese do **remanejamento** onto-lógico (^{3}). O postulado a que aludimos garante a estrita correspondência entre ser e pensar (ou lógica), porém, não a garante "durante" a passagem de um nível onto-lógico ao seguinte. Por exemplo, na passagem de I/D a $I/D/^2$, a realidade visada por I/D no primeiro destes níveis vai ser des-totalizada ou repensada por D no nível seguinte, como mostra a figura 2.c. Em conseqüência, o antes visado por D

precisará deslocar-se, sendo doravante pensado como articulação legislada, ou seja, por $D/^2$.

Remanejamento onto-lógico

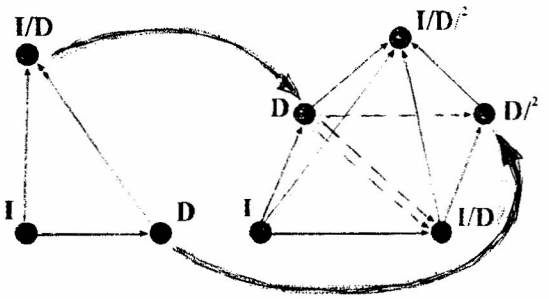


Figura 2.c

Assim, a agregação, do lado lógico, de $D/^2$ e $I/D/^2$ não desvela modos de realidade a elas correspondentes, mas sim às posições disponíveis I/D e $I/D/^2$; a isto é que denominamos processo de **remanejamento**. Ora, a existência deste processo não pode deixar mais quaisquer dúvidas quanto à irredutível originalidade da hiper-dialética qüinqüitária. É precisamente por não levá-la na devida e merecida conta, que se geraram enormes equívocos em todos os campos do saber, inclusive do saber científico, de que já demos testemunho em diversas de nossos trabalhos mais especializados. Sumarizando, na hiper-dialética qüinqüitária, a um primeiro ciclo propriamente **dialético** – I, D, I/D –, não se segue um ciclo homólogo, como na dialética trinitária, mas, sim, um ciclo **contra-dialético** – D, I/D, $D/^2$ – com sua inquestionável especificidade.

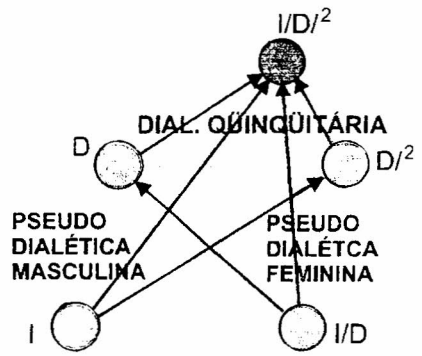
Poder-se-ia imaginar que fosse possível seguir a "construção" no mesmo sentido que veio tendo até aqui, vale dizer, supondo que se pudesse, de certa maneira, retornar ao processo dialético tradicional na forma de um terceiro ciclo cujos momentos seriam então I/D, $D/^2$ e $I/D/^2$, tal como teremos a oportunidade de analisar com detalhes mais adiante. Há, entretanto, sólidos argumentos para mostrar que esta

síntese nos é totalmente vedada. Dentre estes, avancemos, por enquanto, apenas um: a síntese de I/D com $D/^2$, caso $D/^2$ seja, como realmente é, irredutível a D, não nos leva a $I/D/^2$, mas a $(I/D)/(D/^2) = I/D/^3$, uma lógica que manifestamente transcende a capacidade operatória humana, que, como se pode vivencialmente constatar, cinge-se tão apenas a $I/D/^2$ ([4]) . Não negamos que pessoas ou grupos humanos convençam-se de que isto é possível e assumam-se mesmo sujeitos desta síntese, deixando-se assim arrastar num processo lógico-delirante. Acreditamos até que este seja o pressuposto fundamental para explicar determinadas sintomáticas comportamentais assim como a premissa de certos projetos ideológicos. Para não desviarmo-nos do curso de nosso raciocínio, deixamos para voltar a este assunto adiante como já prometido.

A proibição da síntese direta de $I/D/^2$ a partir de I/D e $D/^2$ é um fato de excepcional importância pois ela evidencia, de modo flagrante, quão mais complexa é a lógica qüinqüitária vis-à-vis a lógica trinitária; isto se traduz, metaforicamente, pela necessidade de que nossa representação figurativa tenha que deixar o **plano** (onde pode desenvolver-se ilimitadamente a série de **triângulos** articulados) para desenvolver-se no **espaço** (onde pode, sim, caber a forma **piramidal**). Desta sorte, somos naturalmente levados à figura 2d. Fica aí patente que a síntese lógico-qüinqüitária $I/D/^2$ apresenta dois modos complementares independentes de realização. Um, pela síntese da lógica da identidade I com a lógica clássica $D/^2$, ou seja, $(I)/(D/^2) = (I/D/^2)_m$, que vamos nominar **pseudo-síntese dialética masculina**; outro, pela síntese da lógica dialética I/D com a lógica da simples diferença D, ou seja, $(I/D)/(D) = (I/D/^2)_f$, que ganha aqui a denominação de **pseudo-síntese dialética feminina**.

A introdução do prefixo **pseudo** justifica-se em razão de que, embora se esteja de fato diante de um processo verdadeiramente sintético (e não apenas formal ou de articulações externas), ele não leva a uma completa e definitiva totalização. Até pelo contrário, as duas sínteses aludidas têm caráter apenas parcial, seu resultado permanecendo concomitantemente fechado e aberto, radicalmente incompleto,

Pseudo sínteses masculina e feminina



Pseudo dialética masculina
(discurso de superfície) *versus*
pseudo dialética feminina
(discurso "profundo").
Lógica do progresso científico *versus*
lógica da hitória da cultura

Figura 2.d

enfim, desejante. Assim são, bem sabemos, lógica e vivencialmente, o masculino e o feminino.

A pseudo-síntese masculina – partindo de I, negada por $D/^2$, e ambas re-negadas, resultando num dos modos de realização de $I/D/^2$ – representa a vertente **superficial** dos processos qüinqüitários. É a realização lógica como **progresso**, como permanente **transcendência** (I) dos **sistemas científico-burocráticos** ($D/^2$). Contrastando com ela, temos a pseudo-síntese feminina – partindo de I/D, negada por D, e ambas conjuntamente re-negadas, vindo constituir a vertente **profunda** da realização dos processos qüinqüitários, agora, como verdadeiramente histórico – **dialética** (I/D) das **culturas** (D). Isto vale para todos os processos irredutivelmente humanos e como exemplo príncipe, daríamos aquele da discursividade. No jargão lacaniano, a vertente superficial masculina seria representada pelo que aparece: o **sujeito da enunciação** (I) e o **dito** ($D/^2$); em contraposição, teríamos uma vertente feminina

profunda, representada pelo **inter-dito** (D) e o que, pela abrupta interrupção do dito, vem constituir o **não-dito** (I/D). O **discurso**, em sua globalidade, estaria então representado pela síntese $I/D/^2$. Daí, porque pôde Lacan ([5]), audaciosamente, afirmar que masculino e feminino são os dois modos possíveis de inserção no discurso.

A existência de duas realizações complementares e não plenamente totalizadas de $I/D/^2$ obriga-nos a concluir que a lógica $I/D/^2$ é, efetivamente, a lógica síntese de I, D, I/D, $D/^2$ – as chamadas **lógicas de base** – conquanto sua completa realização tenha que ser imperativamente mediada pelas duas pseudo-sínteses mencionadas.

Há aqui um importante alerta a fazer. Não se deve concluir apressadamente que a realização daquilo que é visado pela dialética qüinqüitária implique apenas na co-presença de um **par** de entes; isto seria reduzir o par humano masculino/feminino ao par macho/fêmea animal. A realização própria à lógica $I/D/^2$ se dá no mínimo em **três**, porque **três** é o número de seus **valores próprios**, conforme detalhadamente exposto em *Lacan et les logiques* ([6]). Ainda que quiséssemos insistir numa interpretação estreitamente sexual da questão, seria absolutamente necessário pressupor um terceiro (visto que é da essência desta lógica, que só o **quarto** seja definitivamente **excluído**). Pode ser ele o rival, o preterido, o proibido, o esperado, o substituido, ou, até mesmo, um ou outro especularmente duplicado, pouco importa.

A esta altura já não seria mais precipitado concluirmos acerca da bem maior complexidade da dialética qüinqüitária em relação à dialética trinitária estribados no que nos foi dado ver até aqui, onde enfatizaríamos:

a) A impossibilidade de prosseguirmos maquinalmente no sentido construtivo que vai da síntese dialética à síntese contra-dialética;

b) A obrigatoriedade de deixarmos a bi-dimensionalidade (plano) pela tri-dimensionalidade (espaço) a fim de que possamos dar conta da adequada representação figurativa de $I/D/^2$;

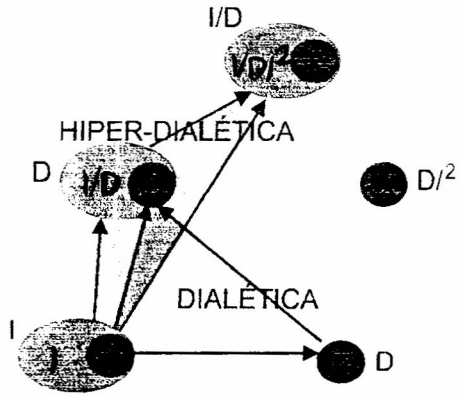
c) A necessária intervenção mediadora das pseudo-sínteses masculina e feminina na realização plena de $I/D/^2$. Partindo-se da hipótese bastante verossímil de que $I/D/^2$ é o máximo em termos de pensar e ser mundanos, tem-se a exata medida da significação cósmica do amor humano, o que, diga-se de passagem, já foi intuído por todas as culturas, à exceção talvez da nossa.

É preciso atentar, também, que não se trata apenas de uma maior **complexidade espacial**, em termos de número de elementos e relações estruturais, mas de algo de igual ou maior importância, que poderíamos denominar **complexidade temporal** ou **processual**; enquanto o processo dialético trinitário é continuamente ascendente, o processo dialético qüinqüitário só o é globalmente, admitindo retrocessos, bivaques e mesmo desconstruções contingentes e parciais. Entrementes, nada disso podendo quebrar o seu vigor ascensional, a sua recôndita destinação, não fosse ela a lógica que governa o processo de realização do ser humano em busca da plenitude!

Haveria ainda um outro modo de encarar a relação entre as dialéticas trinitária e qüinqüitária, que buscamos ilustrar na figura 2.e. Nesta, que representa a dialética qüinqüitária em sua globalidade, pode-se discernir uma sub-estrutura que identificamos, de imediato, com aquela da lógica dialética trinitária: I, D, I/D.

A dialética qüinqüitária poderia agora ser concebida como uma síntese dialético-trinitária da lógica transcendental ou da identidade (I), ocupando a própria **posição** identitária I, com a lógica dialética (I/D), ocupando a **posição** diferencial D, contraposta à posição I; a negação/recolhimento de ambas marcaria a **posição** I/D, a ser ocupada, então, pela síntese ($I/D/^2$). Seria isto conceber as lógicas I, I/D e $I/D/^2$ como formadoras de uma família – a família das lógicas da identidade, ou o que é o mesmo, das dialéticas generalizadas – onde I passaria a ser considerada como o **grau zero** da dialeticidade ($I/D/^0$ = I/I = I). A propósito, é interessante recordar que as lógicas I, I/D e $I/D/^2$ constituem a seqüência das estruturas onto-lógicas, respectivamente, **fenomênica**, **objetiva** e **subjetiva**, na qual se observa o ser-objetivo negativamente posicionado em relação ao ser-fenomênico e, junto com este último, subsumidos pelo ser-

Dialética versus hiper-dialética



Dialética (do simbólico) *versus* hiper-dialética (do discurso)

Figura 2.e

subjetivo. Tudo isto, a nosso juízo, só vem reforçar a nossa interpretação de que I/D/^{2} também resulta de uma síntese dialética em que a estrutura dialética tradicional I/D funciona como momento negativo ou diferencial. Aliás, não é precisamente isto que reclamam os próprios filósofos dialéticos, em particular, os marxistas, quando reivindicam para sua lógica o caráter objetivista (não subjetivista) e materialista?!

Em suma, a lógica qüinqüitária I/D/^{2} se nos afiguraria como uma síntese dialética da lógica da identidade I e da própria lógica dialética I/D, daí a escolha do termo **hiper-dialética** para também denominá-la – hiper-dialética como dialética da dialética, ou dialética das dialéticas generalizadas.

Encontramos um exemplo bastante expressivo desta interpretação da lógica qüinqüitária como hiper-dialética na história da cultura. É unânime que se considere a cultura cristã – trinitária, portanto, I/D – como uma síntese dialética da cultura monoteista judaica (I) e da cultura pagã greco-romana (D); os fatos históricos que se vão progressivamente desvelando, só o fazem, mais e mais, referendar.

Pois bem, há uma concepção de história solidária com a cultura judaica que chamaríamos **história unária**, história como destinação, em relação à qual a atitude demandada, tanto coletiva como individual, só pode ser a **fé.** Em contraposição, temos o cristianismo (não obviamente o da cúria, mas o originário ou patrístico) comprometido com uma concepção que denominaríamos **história trinitária**, história como processo e "peripécias" em relação à qual a atitude autêntica é o **engajamento extático**. É esta também a concepção marxista herdeira do hegelianismo, bastando que se substitua o engajamento ideal ou espiritual por um **engajamento material ou político**. Daí ser possível entrever uma nova concepção de história, a hiper-dialética, como síntese dialética das duas concepções anteriores: uma história que nega a pura e pétrea fé, mas a conserva; nega o puro e cego engajamento, mas também o preserva; ambos sendo, entretanto, requeridos como atitudes autênticas relativamente a algo que é, ao mesmo tempo, história de destinação e história processual, enfim, **história qüinqüitária**.

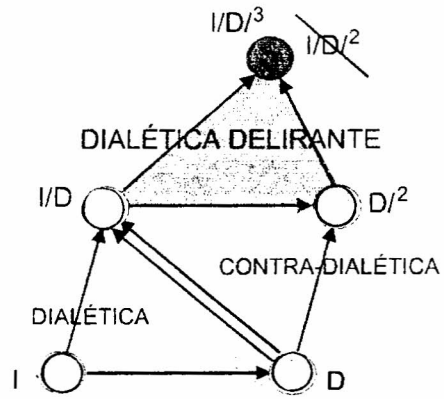
A propósito, é precisamente esta a concepção de história de que carecemos para podermos enxergar uma saída para a cultura moderna ($D/^2$) que, sentindo-se já no seu ocaso, auto-proclama-se, impudente, estação final da história. Há uma saída e ela não está no **plano**, nem à esquerda, nem à direita, mas "acima", no **espaço**, no advento de uma cultura nova de nível lógico $I/D/^2$.

É agora o momento prometido de retomarmos à questão da proibição da extensão do processo simplesmente dialético para além do ciclo contra-dialético, ou seja, da consideração de um hipotético terceiro ciclo dialético $I/D/$, $D/^2$, $I/D/^2$. Já adiantamos que tal síntese não nos levaria à lógica $I/D/^2$, mas a uma lógica trans-humana $I/D/^3$, visto que $(I/D)/(D/^2)=I/D/^3$. Ver figura 2.f.

Em que pese a interdição, há certamente os que tentam violá-la, ainda que inconscientemente. Quem seriam eles?

Não é difícil identificar quais seriam estes transgressores lógico-delirantes. Sabemos que a modernidade – preferimos este título

Dialética delirante



Dialética delirante ou da variante à **esquerda** da modernidade

Figura 2.f

àquele de sociedade capitalista – caracteriza-se, na superfície, pela assunção e absolutização de lógica da dupla diferença ($D/^2$) – lógica da racionalidade formal, da cientificidade e das organizações burocráticas – tendo como complemento o sujeito intervalar, sujeito identitário (I) – *cógito*. sujeito liberal, sujeito da "livre iniciativa" ([7]).

Na fórmula absolutamente compacta de Richard Morse: ciência ($D/^2$) e consciência (I) ([8]). Ora uma das "possibilidades" de reação a esta modernidade paradigmática, não está jamais em negar a ciência, o que, a esta altura, seria fugir ao princípio da realidade, mas em deixar exorbitar o princípio do prazer, propondo a substituição do sujeito da ciência; ademais, invertendo o seu papel subordinado. Uma das "possibilidade" de fazê-lo seria trocar o sujeito liberal, individualista (I) pelo sujeito coletivo ou espírito comunitário, ou seja, por um sujeito (I/D); e mais, ilusoriamente fazendo com que ele deixasse de ser tributário ou intervalar à $D/^2$, para situar-se de forma dominante. De certo modo, não significa isto o mesmo que esquecer a especificidade de $D/^2$, sua não redutibilidade a D, e, por conseqüência, sua superioridade lógico-hierárquica em relação a esta última?!

Os primeiros dispostos à transgressão foram os jesuitas, tolerados pela Hierarquia, naturalmente, enquanto apenas soldados da linha de frente contra-reformista. Depois vieram os marxistas armados com seu socialismo (I/D) científico ($D/^2$), que, pelo visto, não os leva ao homem perfeito, mas a anjos e demônios, vale dizer, ao reino de $I/D/^3$. Se atentarmos para o fato de que os modos de sexuação humanos se definem precisamente pelas diagonais da pirâmide $I/D/^2$ – (I, $D/^2$) para o masculino e (D, I/D) para o feminino – fica evidente que a síntese $I/D/^3$ a partir do par (I/D, $D/^2$), além de exorbitante, o é sexualmente delirante. Que, portanto, como modo de sexuação pretensamente de hierarquia superior, não pode se afirmar senão como recalcante do modo prosaicamente humano, tal como esta insiste em se afirmar frente à sexualidade simplesmente animal. Hoje, depois de Freud e Lacan, isto não poderia estar mais claro. Nossa Senhora, aonde estamos?!

Ainda assim, prossigamos um pouco mais. O par (I/D, $D/^2$), um dos modos sexuais de $I/D/^3$ não é o único: ele se interpõe entre outros modos possíveis. Seriam eles, naturalmente, (I, $D/^3$) e ($I/D/^2$, D) que juntos com aquele formam a totalidade dos "sexos dos anjos", como facilmente se constata na figura 2.g.

Também não é difícil tirar-lhes o resto do disfarce. Quem é único (I), onisciente e infalível por seu poder de tudo abarcar, visto que $D/^3$ é a lógica imediatamente superior àquela de todos os homens ($I/D/^2$)? É o grande guia, o grande mestre sentado em seu trono. O sexo (I/D, $D/^2$) é a sua *entourage* de escribas, burocratas, professores, parlamentares, seguranças e censores, todos, guardiões da ideologia sexo-delirante por eles mesmos inventada. Bem, ($I/D/^2$, –) são todos os outros, pobres mortais, o povo, a quem fica proibido o acesso ao seu próprio termo complementar, ou seja, à diferença (D). E a proibição se faz em nome da mais santa piedade, pois, D aí representaria o **mal** (ou o **demônio**, ou ainda, o **inconsciente**). Diminuído, castrado até em sua potencialidade delirante, resta-lhe, apenas, o humano, o demasiadamente humano ($I/D/^2$).

A sexualidade a nível $I/D/^3$

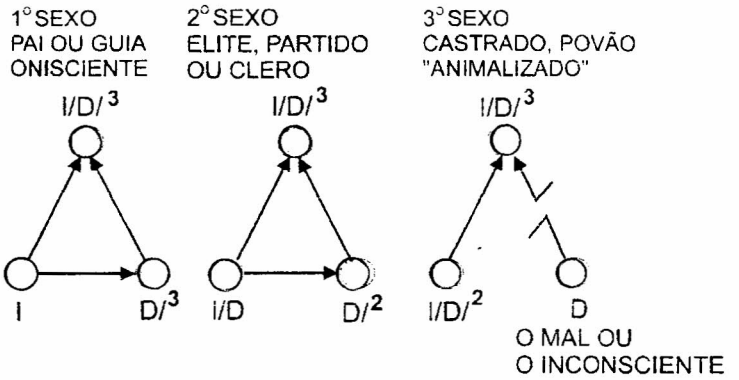


Figura 2.g

Se levarmos em conta que a enorme distância entre os animais superiores (dotados de sistema nervoso central), de nível I/D, e os homens, de nível $I/D/^2$, é a mesma que estaria aí vigindo entre estes mesmos homens e a vanguarda sexo-delirante assumida de nível $I/D/^3$, podemos avaliar quantos riscos já corremos, e talvez ainda tenhamos que correr, caso venhamos a cair na mão destes salvadores. Isto, contudo, não impede que lhes devotemos uma certa simpatia, porque, confessadamente, jamais estivemos imunes a tais acessos delirantes, mormente quando nos defrontamos com a ameaça fascista, que é seu correlato simétrico ([9]). Talvez, seja mesmo isto parte da própria condição humana na modernidade.

Fica aqui uma seríssima advertência: a superação da modernidade (ou do capitalismo como se queira) não passa, em absoluto, pela alternativa esquerdizante ou jesuítica da modernidade, isto é, pela impossível síntese da lógica dialética (I/D) com a lógica científica ($D/^2$), mas, sim, por algo menos pretencioso: a hiper-dialética qüinqüitária ($I/D/^2$), necessariamente mediatizada pelas pseudo-sínteses masculina e feminina. Em outras palavras, não passa pela sexualidade delirante, e sim pelo que precisamos urgente reconquistar – o simples, tão próximo e acessível, amor humano.

Acreditamos que estejamos agora em condições de concluir acerca da comparação entre a dialética trinitária e a hiper-dialética

qüinqüitária. Não resta dúvida que a primeira, como anteriormente visto, tem garantida sua condição de "cidadania lógica" como modo específico de visar o **símbolo** ou **idéia** platônica. bem como a **história** no seu sentido hegeliano/marxista. Ela pode, pois, captar a essência de algum momento, parte ou aspecto da realidade humana, porém, certamente não poderá jamais fazê-lo em sua globalidade. Em muitos casos, insistir nos poderes da dialética de maneira acrítica e absolutizante, é impor à realidade uma forma que não lhe é própria, redutora de sua essencial complexidade. Em suma, o homem é um ser irredutivelmente qüinqüitário, e só a hiper-dialética, também qüinqüitária, pode dar conta, na plenitude, dos seus múltiplos e complexos processos de auto-realização.

Em que pese nossa crítica acerba ao delírio esquerdista, seria preciso advertir que não podemos dali concluir que qualquer outra consideração lógico-transcendente relativamente a $I/D/^2$ seja destituída de valor no que se refere a uma mais profunda compreensão do homem. Até pelo contrário; acreditamos que estas considerações são necessárias para prevenirmo-nos contra um humanismo estreito, que ponha o homem no lugar do Deus (trinitário) atingido. Ele também, pela onda de desemprego. Contudo, tais considerações precisarão, necessariamente, manter-se dentro de severos limites que poderíamos, numa primeira aproximação, ainda que paradoxal, chamar de **horizonte-de-ser sem ser atual**. Para maiores e detalhadas explicações remetemos o leitor ao nosso trabalho *Noções de onto-teo-logia - Tomo I* ([10]).

Vimos até aqui num radicalismo só: aquele da originalidade irredutível da hiper-dialética qüinqüitária vis-à-vis a dialétca trinitária tradicional. Na verdade, um posicionamento mais pedagógico do que propriamente doutrinário. É hora, pois, de atenuá-lo um pouco, para deixar que venham à tona algumas significativas similitudes ou homologias existentes entre elas. As homologias tornam-se mais visíveis ao tomarmos uma perspectiva mais "dinâmica" , isto é, focalizando as passagens de I a I/D e desta a $I/D/^2$. Diríamos que o surgimento da diferença D no ciclo dialético é de certo modo "natural", no sentido de que ele é imposto pelas próprias leis macroscópicas da "natureza" e, como tal, irreversível; do ponto de vista psíquico, entretanto, ela opera como uma **proibição** que nos

pode levar a três diferentes resultados, os dois primeiros, desastrosos:

a) Forçamento de uma identidade já impossível; vale dizer, o desconhecimento ou recusa da diferença e a fixação do indivíduo numa perspectiva definitivamente narcísica do mundo, ou seja, à esquizofrenia (tentar sair, mas retroceder à I);

b) Deixar-se aprisionar pela novidade sedutora do outro, da imagem no espelho, "esquecendo-se" definitivamente de si, ou seja, à psicose maníaco-depressiva (passar à D, mas deixando-se ali aprisionar);

c) Sustentar a tensão entre identidade e diferença irredutíveis, condição do acontecer, afinal, da síntese dialética (alcançar I/D).

Na passagem de I/D a I/D/^{2} algo de semelhante acontece, apenas com D/^{2} operando como uma **proibição essencialmente cultural**, e não mais "natural" como fazia D. As mesmas três possibilidades anteriores podem aqui também ocorrer:

a) Partir, mas acabar retrocedendo à I/D, o que resultarianuma neurose histérica;

b) Chegar à D/^{2} , porém, sem conseguir daí libertar-se, o que resultaria numa neurose obsessiva;

c) Agüentar a tensão entre I/D e D/^{2} e acabar aceitando a busca de I/D/^{2} por via da síntese intermediária de I com D/^{2} (masculino) ou de I/D com D (feminina), o que significaria alcançar a maturidade psíquica.

Existiriam, entretanto, diferençando esta passagem da anterior, ainda duas possibilidades drásticas, que significam a impossibilidade até mesmo do retorno à I/D, ou seja, a queda em níveis ainda mais arcaicos:

d) Regressão à I, a um novo modo narcísico de ser, onde há e se é, ao mesmo tempo, a lei, o que caracterizaria a perversão;

e) Regressão à D, onde a realidade mora sempre ao lado, não importa de que lado circunstancialmente se esteja, o que vem caracterizar a paranóia.

Para concluir, permita-nos o leitor algumas considerações em tom quase confessional. Resistimos, no mais íntimo, a passar para o papel aquilo que ainda não nos pareça extremamente claro e evidente. Isto, cria-nos sempre um problema suplementar: o de querermos compulsivamente explicar porque aquilo que expomos não foi percebido antes por outrem. Sem esta explicação suplementar fica-nos, sempre, um sentimento de incompletude e de insegurança. Aqui, como sempre, caímos na mesma situação. Por que, até hoje, não se chegou ao desvelamento da lógica hiper-dialética qüinqüitária? Ou, pelo menos, à prévia constatação da manifesta fragilidade da dialética trinitária (I/D) frente à lógica clássica dominante ($D/^2$)?

Parece-nos que poderíamos atribuí-lo fundamentalmente à dificuldade em se distinguir as lógicas da diferença (D) e da dupla diferença ou clássica ($D/^2$). Esta indiscernibilidade onto-lógica traz como conseqüência imediata a indistinguibilidade do ciclo propriamente dialético (I, D, I/D) e do ciclo contra-dialético (D, I/D, $D/^2$), importando, por fim, na não percepção da especificidade da dialética qüinqüitária em relação à dialética trinitária.

Registramos abaixo algumas especulações acerca dos possíveis motivos, todos de ordem cultural, da assinalada dificuldade em distinguir D de $D/^2$:

a) o modo de emergência da própria cultura que sabemos, se dá pela sobreposição da diferença clânica (2ª diferença) à diferença sexual biológica (1ª diferença) ([11]). Bisbilhotar por sob a dupla diferença levaria a defrontarmo-nos com nossa origem animal, e isto, sabemos, na cultura do Ocidente, foi por longo tempo considerado como perigosa heresia;

b) o fato de vivermos cerca de quinhentos anos numa formação cultural radicalmente comprometida com a cientificidade e

a racionalidade burocrática, ambas, governadas pela lógica da dupla diferença ($D/^2$), e cuja afirmação foi concomitante a um dramático recalque das lógicas femininas D e I/D, respectivamente, do desejo e da história – referimo-nos ao processo de caça às bruxas. Porque facilmente deixariam que, sem mais, voltasse um qualquer dos recalcados, tornando então evidente a natureza relativa da atual cultura. Melhor para o *stablishment,* é óbvio, que persista a indiscernibilidade em causa:

c) embora de natureza bastante precária, já que não possuímos o amplo conhecimento lingüístico para garantir a total generalidade das premissas que sustentariam o presente argumento, o fato é que pelo menos as línguas política, econômica e culturalmente hegemônicas ocidentais não apresentam um conjunto de verbos auxiliares estruturalmente homólogo ao conjunto das quatro lógicas de base, como é o caso, por exemplo, do Português no qual o verbo **ser** é correlato de lógica transcendental (I); o verbo **ter**, da lógica da diferença (D); o verbo **haver** (com certas reservas), da dialética (I/D); e finalmente, o verbo **estar**, da lógica clássica ($D/^2$). No Francês, a homologia se dá entre o verbo ***être*** e ***avoir***, respectivamente, com as lógicas I e D, e se estende com a locução ***y avoir*** correlata à lógica I/D. Algo de semelhante ocorre no Inglês. Os verbos ***to be*** e ***to have*** são homólogos às lógicas I e D e a extensão se dá pela locução ***there be*** homóloga à lógica I/D.

Tendo-se em conta a extrema dependência do pensamento (lógica) vis-à-vis a linguagem, podemos imaginar o quanto tal insuficiência – perdoem-nos a irreverência da hipótese – pode ter obstruído a percepção da diferença entre as lógicas diferenciais – D e $D/^2$ – e conseqüentemente, da totalidade da estrutura das lógicas de base, condição essencial à distinção entre as lógicas dialética trinitária e hiper-dialética qüinqüitária tal como aqui caracterizada.
Não seria justo deixar de assinalar aqui uma exceção, com mais de dois mil anos, é certo: o tratamento dado por Platão ao **ser e seus modos** no diálogo *O Sofista* ([12]) em que são distinguidos o **mesmo**, o **outro**, o **movimento**, o **repouso** e o **ser-ele-mesmo**, tal como se comprova pelos extratos escolhidos para epígrafe do presente texto. Depois de tudo que aqui expusemos quem poderia ainda recusar-se a ver a homologia entre estes modos e as cinco lógicas – I, D, I/D,

$D/^2$ e $I/D/^2$ – subsumidas na hiper-dialética qüinqüitária? Porém, ainda assim, quem teria a necessária coragem para deslocar o Platão trinitário do *Parmênides* e do *Timeu* em favor do Platão qüinqüitário que se insinuava já em *O Sofista?*

Platão ([13]), a quem apelamos logo à entrada, valha-nos também, agora, no encerramento:

> *L'ÉTRANGER.– Si l'on refuse de croire à ces oppositions, qu'on cherche alors et qu'on dise mieux que nous ne venons de dire. Mais croire qu'on a fait une invention difficile parce qu'on torture à plaisir les arguments dans tous les sens, c'est peiner sur des choses qui n'en valent guére la peine; nos arguments présents nous l'attestent. Il n'y a là, en effet, ni invention élégante ni trouvaille difficile, alors que voici ce qui serait difficile autant que beau.*
>
> *Le Sophiste, 259 b,c*

NOTAS

1. Os símbolos I e D representam, respectivamente, a lógicatranscendental ou da identidade e a lógica da diferença. A barra inclinada (/) tem o sentido de uma síntese dialética generalizada. Assim, o símbolo I/D representa a lógica síntese das lógicas da identidade e da diferença, comumente denominada lógica dialética; $I/D/^2$, que é uma forma abreviada de I/D/D, representa a lógica síntese das lógicas da identidade, da diferença, da dialética e da dupla diferença. E assim, por diante.

2. A articulação sintética de D com I/D, deve ser formalmente representada por $(D)/(I/D)=D/I/D=D/D=D/^2$, no pressuposto intuitivo de que uma identidade (I) entre duas diferenças (D) se anula. Em contraste, se tivéssemos a composição sintética $(I/D)/(D)$ o resultado não seria $D/^2$, mas, sim, $I/D/D=I/D/^2$. Em suma, do ponto de vista formal as lógicas constituem um semimonóide (onde a identidade só age, como tal, à direita) gerado pelas lógicas fundamentais I e D. Para maiores detalhes, ver *A matematicidade da matemática surpreendida em sua própria casa, nua, na passagem dos semigrupos aos monóides* incluído a seguir.

3. SAMPAIO, L. S. C. de. *Noções elementares de lógica, I e II*, Rio de Janeiro, 1988, Inst. Cultura Nova, (xerografado) e *Noções de antropo-logia*, Rio de Janeiro, UAB, 1997, (xerografado).

4. SAMPAIO, L. S. C. de. *Noções de antropo-logia*. Rio de Janeiro, UAB, 1997, (xerografado).

5. LACAN, Jacques. *Encore*, texto estabelecido. Paris, Seuil, 1975.

6. SAMPAIO, L. S. C. de. *Lacan et les logiques; o* primeiro dos ensaios aqui apresentados, cujo original em francês deverá ser publicado proximamente em *Cahiers de lectures freudiennes.*

7. SAMPAIO, L. S. C. de. *Noções de antropo-logia*. Rio de Janeiro, UAB, 1997, (xerografado).

8. MORSE, Richard M. *O espelho de Próspero – Cultura e idéias nas Américas.* São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

9. O fascismo é ainda uma reação ideo-lógica à modernidade, pela substituição do sujeito paradigmático I, agora, pelo sujeito romântico, inconsciente cultural ou *Volksgeist* D; como se vê, em perfeita simetria com as ideo-logias de esquerda que fazem a substituição de I por I/D.

10. SAMPAIO, L. S. C. de . *Noções de onto-teo-logia. Tomos I e II.* Rio de Janeiro, Inst. Cultura Nova, 1990, (xerografado).

11. SAMPAIO, L. S. C. de. *Noções de antropo-logia*. Rio de Janeiro, UAB. 1997, (xerografado).

12. PLATÃO. *Le Sophiste.* Paris, Les Belles Lettres, 1994.

13. *Ibid.*